

Dois olhares sobre a língua: Pe. Francisco da Rocha Guimarães e Caetano Veloso

Jamille Rabelo de Freitas

Graduanda em Letras na Universidade Federal de Uberlândia,
pelo Instituto de Letras e Linguística.
e-mail: jahmrabelo@gmail.com



Resumo: Neste trabalho objetivamos fazer um paralelo entre o poema “Uma ode à língua latina”, de autoria do Padre Francisco da Rocha Guimarães e o poema-canção “Língua”, composto por Caetano Veloso, com o intuito de entender qual o contexto social em que foram realizadas tais produções literárias e, em seguida, identificar se a contextualização interfere na perspectiva do objeto abordado, no nosso caso, a visão da língua.

Palavras-chave: poesia; língua portuguesa; língua latina.

Abstract: This paper aims to make a parallel between the poem “Uma ode à língua latina”, composed by Priest Francisco da Rocha Guimarães and the poem-song “Língua”, composed by Caetano Veloso, in order to understand the social context in which they were held such literary productions, and then identify the context interferes with the perspective of the object approached, in our case, the view of language.

Keywords: poetry; Portuguese language; Latin language.

1. Introdução

Inventar mundos, despertar lembranças, desencadear sensações, compartilhar emoções e provocar reflexão sobre os mais diferentes aspectos são alguns dos papéis da literatura e também objetivos de quem a produz. Os textos literários, de certo modo, permitem o contato com a história, o que faz possível compreender melhor o tempo e a trajetória.

A literatura nos revela como viveram e o que passaram as pessoas em diferentes épocas e sociedades. Essas informações ficam registradas nos textos e sobrevivem à passagem do tempo e isso é percebido quando, na análise de produções de diferentes épocas, percebe-se a repetição dos temas e a influência e/ou resquícios de um estilo literário em outro. Com isso, diz-se que a literatura é uma forma de arte que serve de espelho social de uma época, uma vez que o artista reflete o cenário no qual produziu sua obra e, por meio da leitura das palavras, o leitor poderá concretizar esta realidade.

A origem e o desenvolvimento de tão diferentes e numerosas línguas no mundo é uma complexidade a ser discutida, mas é fato que as línguas são resultado de uma

evolução histórica e que se caracterizam no tempo e no espaço pela (des)continuidade de transmissão, pela constância de uso e pela interação cultural.

Os acontecimentos políticos e sociais também são fatores importantes que inevitavelmente desencadearão a seleção e a fixação de determinados aspectos a serem mantidos. Exemplo disso é o processo de origem e formação da língua portuguesa e demais idiomas românicos.

Para demonstrar como se dá essa ocorrência contextual na produção literária, iremos analisar dois escritos: o poema *Uma ode à língua latina*, de autoria do Padre Francisco da Rocha Guimarães e o poema-canção *Língua*, composto por Caetano Veloso. Para tanto, será preciso primeiro fazer uma ambientação histórica com o intuito de entender qual o contexto social em que foi realizada a produção literária e, em seguida, identificar se a contextualização interfere na perspectiva do objeto abordado, no nosso caso, a visão da língua.

2. “Ode à Língua Latina”: Pe. Francisco da Rocha Guimarães

Em *Ode à língua latina*¹, o padre Francisco da Rocha Guimarães apresenta uma glorificação da língua latina, e se somente observarmos o título do poema, já podemos verificar essa exaltação: originado na Grécia Antiga, o termo *ode* é dado a poemas que apresentam uma espécie de exaltação de valores nobres, caracterizando-se pelo tom de louvação.

Mencionando nomes canônicos no traquejo da língua latina, como Camões, Cícero e Ovídio, o poeta atribui natureza divina ao latim: *Salve Língua do Lácio, língua esplêndida, / Mãe da que eu falo e que Camões falou, / Língua que em Cícero imensa trovejou / E em Ovídio fluiu tão cristalina, / Que nem sei se é humana, se divina*. Para Guimarães, a língua latina era causadora de toda a beleza da linguagem; ela não era somente adorno, era *a veste triunfal de purpúreos fulgores*; era a língua pura, a mãe geradora e inspiradora dos poetas e das línguas subsequentes.

Em seus versos, Guimarães faz referência a Virgílio e sua ilustre composição poética: *Pelos campos da Itália ou nos jardins de Augusto, / Eu escuto, Virgílio*. Sabe-se que Virgílio, famoso poeta romano, era protegido do imperador Augusto, sendo este financiador da arte do poeta. Aquele, já célebre pela composição de poemas campestres, como *Bucólicas* e *Geórgicas*², tem uma função encomendada por Augusto: o imperador queria que fosse criado um poema épico que cantasse a glória e o poder de Roma, de maneira a imortalizar os seus feitos. Essa epopeia deveria ser tão gloriosa, a ponto de superar a beleza da lírica do poeta grego Homero, presente nos poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*³. Virgílio então se põe a compor essa epopeia, encomendada pelo imperador

¹ Disponível em: <http://secretalitterarum.blogspot.com.br/2011/11/ode-lingua-latina-pe-francisco-da-rocha.html>

² Obras escritas pelo poeta Virgílio (1949).

³ Obras escritas pelo poeta grego Homero: MANGUEL (2008).

Augusto, e dá-lhe o nome de *Eneida*⁴. Com doze cantos, a épica narra a jornada de Enéas e simboliza o poder do Império Romano sob o comando de Augusto. Por isso é que o Pe. Guimarães verseja: *Teu carne imenso e augusto, / Que immortaliza nos anais da História, / Coroando-a de bênçãos e glórias, / A linhagem sagrada do sangue latino, / Que, mais do que Enéas, é divino.*

Em seguida, o Pe. Guimarães fala de Horácio, filósofo e poeta romano:

E logo surge Horácio,
Um dos maiores líricos do mundo,
Cujos carmes são um mundo de harmonias
Tão celestes e tão deliciosas,
Que hão de encantar os homens através das idades,
Enquanto houver colinas e adegas nas cidades
E sol na primavera e perfume nas rosas.

Horácio era famoso por versar, em sua lírica, acerca da efemeridade da vida. De tendência epicurista, o poeta compunha também de maneira satírica; de maneira irônica, criticava instituições, costumes e ideias da época. Assim como Virgílio, Horácio era também um dos poetas protegidos pelo imperador Augusto, sendo aquele, inclusive, quem apresentou Horácio a Caio Mecenas, ministro do império de Augusto e responsável pela ascensão do poeta. É com essa aliança que Horácio se torna o primeiro escritor oficial de Roma, ficando conhecido, anos mais tarde, como um deus da lírica latina.

Essa divinização da língua é contínua na lírica de Guimarães. A odisseia latina, encomendada por Augusto, é enfim perpetuada pela *pena de ouro do escritor*. Através do *Estilista imortal*, essa língua é proclamada aos quatro ventos [...] a rainha das rainhas, / O mais sonoro e triunfal dos instrumentos. A exaltação desmedida à língua latina só aceita colocar-se em igualdade à língua grega, pois só a língua dos helenos é tão grande. / Tão meiga, tão gentil e harmoniosa.

Guimarães celebra: *Língua do Lácio, eu te saúdo e te venero. / És grande como o imenso da amplidão. / És sublime e imortal como um canto de Homero. Robusta e poderosa como o murmúrio austero / Do mar que fala à praia quando sopra o tufão.* E sendo a língua assim tão forte, grande e gloriosa, como aceitar que a sua imortalidade seja contestada? E o poeta brada: *Como louvar-te bem por tudo que nos deste. / Ó idioma imortal, a quem chamam de morto, / Mas que enfrentas mármoreo o tempo e a eternidade?* A língua se reveste de mármore para tudo suportar, e assim como o mármore, frio e impassível, ela sobrevive. Sobrevive na memória dos seus adoradores, através da recordação e do reconhecimento daqueles que, como Guimarães, veem-na como *mãe da [...] língua*, como *mãe do Português*. Veem-na como a *língua da ESPERANÇA e da SAUDADE*.

3. "Língua": Caetano Veloso

⁴ Obra escrita pelo poeta Virgílio: GONÇALVES (1996).

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso, baiano, nascido a 7 de agosto de 1942, é um mosaico de influências no panorama da música popular brasileira. Músico, poeta, produtor, compositor, arranjador e escritor brasileiro, Caetano Veloso – como é comumente conhecido – produziu, em quatro décadas, uma obra repleta de ativismo político e conscientização social.

Embora tenha sido “descoberto” no Festival Internacional da Canção, é com o Tropicalismo, movimento ligado à produção musical e à arte popular, que Caetano ganha destaque no cenário nacional. Determinante para a Música Popular Brasileira (MPB), o movimento tropicalista significou uma ruptura não apenas na música, mas na cultura: incorporou o rock, a psicodelia e a guitarra elétrica, trazendo elementos da cultura jovem mundial.

Mas essa visibilidade traria seu preço. Já então considerado inimigo do regime militar instituído no Brasil no ano de 1964, Caetano virou alvo fácil da censura. Foi preso, acusado de profanação dos Hinos Nacional e da Bandeira Brasileira, teve seus cabelos raspados, foi mantido em regime de confinamento domiciliar, sem ter autorização para aparecer ou dar declarações em público e até exilado na Inglaterra.

Era a chegada da chamada Pós-Modernidade, época em que os valores da sociedade moderna passaram por transformações significativas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, temas como o consumismo, a exploração humana e os limites da consciência humana passaram a ser questionados. E esses questionamentos deram origem às músicas de protesto, e propiciaram o surgimento do movimento feminista e dos movimentos contra o racismo.

O Brasil conheceu, nessa época, uma de suas fases mais tristes. Foram os anos da ditadura, da repressão e das torturas. O espírito de contestação que mobilizava europeus e norte-americanos influenciou também nossa cultura. Muitos se posicionaram contra os problemas sociais, os preconceitos e a moralização hipócrita. Surgiram o Cinema Novo, o Tropicalismo, o teatro engajado, as músicas de protesto de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, entre outros.

Com essa postura iconoclasta, Caetano Veloso lança, em 1984, o LP *Velô*. Dentre deste álbum encontra-se a canção *Língua*, objeto de nossa pequena análise e comparação. Em entrevista à revista *Cult*, Caetano Veloso afirma que a canção *Língua*

[...] nasceu da vontade de usar os procedimentos do rap como veículo. Eu planejava então explorar um novo filão de textos declamados sobre base rítmica (mas uma base inventada por mim e meus amigos músicos, não uma reprodução do que faziam os americanos): seria um modo de ter mais liberdade para a poesia na música. E o tema de gostar de falar apareceu logo, o que me levou a celebrar a língua portuguesa, sugerindo reflexões sobre ela.⁵

De fato vemos Caetano Veloso sugerir essa reflexão no poema-canção *Língua*. Fazendo uma apologia à Língua Portuguesa, Caetano apresenta uma escrita repleta de

⁵ Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/40916729/Cult-49-Caetano-Veloso-Ago-de-2001>

polissemia e atomizações, na qual a órbita gira em torno da problemática Portugal *versus* Brasil, isto é, língua portuguesa *versus* língua “brasileira”.

Caetano inicia os versos de sua canção exaltando a lírica de Camões, aclamado poeta português, considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente. Caetano canta: *Gosto de sentir a minha língua roçar/ A língua de Luís de Camões/ Gosto de ser e de estar...*

A língua, considerada pura e intocável pelo Pe. Francisco da Rocha Guimarães, agora é desvirginada por Caetano, que nos convida a criar, a deixar de sermos parodiadores, a romper a fronteira de meros repetidores das prosódias de nossa língua. Assim, ele nos convoca a *criar confusões de prosódia e profusão de paródias*. Essa rebelião, de acordo com o eu-lírico de Caetano, encurtaria dores. As dores que habitam o pensamento do homem que sofre para se manter na corda bamba da norma culta da nossa língua.

Seguindo esse pensamento ideológico, Caetano nos desnuda do charlatanismo da unidade linguística, pregada pelos puristas de nossa língua. Desse modo, ele nos mostra a diversidade de falares que há dentro da nossa língua; essa língua que está em constante mutação; que furta *cores como camaleões*. A língua que é democrática, pois a mesma que acolhe o poeta Fernando Pessoa – mestre da poesia portuguesa – é a que se deixa agradar pelas grandes Rosas brasileiras: Guimarães, grande nome da ficção em prosa, e Noel, nome de peso na história do samba brasileiro. Esse pensamento é ratificado no trecho *E sei que poesia está para a prosa / Assim como o amor está para a amizade / E quem há de negar que esta lhe é superior / E deixa os Portugais morrerem à míngua*. Mas o sentimentalismo nacionalista fala mais alto que toda diplomacia: *Minha pátria é minha língua*.

Essa visão diplomata da língua é retomada nos versos seguintes, refrão do poema-canção: *Flor do Lácio sambódromo/ Lusamérica latim em pó/ O que quer/ O que pode/ Esta língua?* Nestes versos, ele mostra que, apesar de ter sua origem na *Flor do Lácio*, a “língua brasileira” pode e tem caminhado com suas próprias pernas. O latim, assim como a raça humana, surge do pó e ao pó tem voltado. E *O que quer/ O que pode/ Esta língua?* A língua quer, deve e pode se atualizar. E assim o faz.

Surge, então, uma “língua nova”, cheia de neologismos, estrangeirismos e variedades linguísticas. Uma língua permeada pela *sintaxe dos paulistas* e pelo *falso inglês relax dos surfistas*. E Caetano se desdobra em “Caetanos” e clama: *Sejamos imperialistas*. Sejamos imperialistas; lutemos por nossos direitos, lutemos por nossa pátria; sejamos nacionalistas como o foi Carmem Miranda com sua *dicção choo choo*, que mantinha um inglês com sotaque exageradamente português.

Caetano suplica que não sejamos só meros receptores e reprodutores dos discursos apresentados nos meios de comunicação, que analisemos essas línguas, que sejamos o lobo do lobo do homem, fazendo referência à sagacidade que devemos ter ao analisar os discursos aos quais somos submetidos. Ironizando a influência do estrangeirismo na língua portuguesa, Caetano diz: *Está provado que só é possível filosofar em alemão/ Blitz quer dizer corisco/ Hollywood quer dizer Azevedo/ E o recôncavo e o recôncavo e o recôncavo/ Meu medo*. Com isso, ele demonstra a superioridade que é dada a língua estrangeira dentro da nossa própria nação; onde até os artistas “se nomeiam” com esses

empréstimos linguísticos, como no caso do grupo Blitz, que estourava junto à população brasileira.

E Caetano parafraseia Fernando Pessoa, sob seu heterônimo Bernardo Soares, e diz: *A língua é minha pátria*. Mas ressalta: *E eu não tenho pátria: tenho mátria*. Se declarando como legítimo filho deste solo em que sua pátria é mãe gentil, como cantado no Hino Nacional brasileiro, ele afirma: *Eu quero fáttria*. E sua aspiração fica explícita: O que ele quer é uma irmandade, é viver em harmonia com todos os falares, é implantar uma fraternização, onde as diferenças de falares são respeitadas; onde cada um valoriza aquilo que se tem; onde cada discurso divergente é respeitado; onde se possa dizer *Tá craude brô você e tu lhe amo! Qué queu te faço nego?! Bote ligeiro* e ser entendido, sem que seja apedrejado pelo preconceito, como os negros *que sofrem horrores no gueto do Harlem*.

4. Considerações finais

Celebrar a língua é a intenção de ambos os poetas aqui analisados. A divergência, porém, é encontrada no estilo de exaltação feita por eles. Enquanto Caetano reflete sua preocupação com a criticidade do uso da língua, Guimarães prega uma adesão cega, uma dedicação excessiva à língua latina. Enquanto este beira o “fanatismo linguístico”, com a exaltação purista de um idioma, aquele aponta para a sensatez, para a necessidade do senso crítico, para uma reflexão da língua como herança e, portanto, passível de miscigenação.

Essa visão divergente que ambos possuem da língua é demonstrada já no uso da linguagem: Guimarães com suas sutilezas e rebuscamentos demonstra uma pureza excessiva da língua e se contrapõe ao vocabulário metafórico de Caetano e suas variedades de falares que demonstram a flexibilidade peculiar da língua portuguesa. Enquanto Caetano vem acordar seus falantes, balançar as estruturas do poder através do uso da língua, Guimarães se mostra imerso na defesa das causas patrióticas de celebração do idioma latino.

Divergências conceituais deixadas de lado, o que podemos perceber durante esta pequena análise é que ambos engrandecem a língua, quer seja latina, quer seja portuguesa e suas líricas diferem apenas por uma questão de perspectiva. Enroutado pelas vestes e crenças da idade medieval, Guimarães se apresenta como representante do panorama linguístico dos falantes do idioma latino, como Basseto (2001, p. 29) aponta:

É sabido que os gregos e os romanos não se interessavam por outras línguas que não a própria, mostrando até certo menoscabo pelos não falantes do grego ou do latim ao chamá-los de “barbari”. Durante toda a Idade Média, a única língua considerada nobre, digna de ser instrumento de arte era o latim [...].

Já Caetano é o modelo do nacionalismo, a representação da estética contemporânea do Brasil na década de 80. Lutando pelos ideais concretistas e tropicalistas, ele buscava uma reflexão acerca das atitudes do povo brasileiro, dentre elas, a da aceitação

de tudo que era exposto e apresentado. Essa exaltação e conceituação da língua, apresentada nos dois poemas, pode ser justificada nos estudos de Basseto (2001, p. 96): “[...] de fato a língua é um reflexo da cultura de seus falantes, uma manifestação de seu modo de vida regido pelas imposições concretas das necessidades imediatas” e assim estaria elucidada a distinção entre as visões da língua apresentadas por Guimarães e Veloso.

5. Referências

BASSETO, Bruno F. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*, vol. I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo. *Virgílio: Bucólicas*. São Paulo: Verbo, 1996.

GUIMARÃES, Pe. Francisco da Rocha. *Ode à língua latina*. Disponível em: <http://secretalitterarum.blogspot.com.br/2011/11/ode-lingua-latina-pe-francisco-da-rocha.html>. Acesso em 12 out 2011.

MANGUEL, Alberto. *Ilíada e Odisséia de Homero, uma biografia*. Coleção Livros que Mudaram o Mundo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

VELOSO, Caetano. Entrevista concedida a Bernardo Vorobow e Carlos Adriano, in: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*, n. 49, agosto/2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/40916729/Cult-49-Caetano-Veloso-Ago-de-2001>. Acesso em 12 out 2011.

VELOSO, Caetano. LP *Velô* (1984). Disponível em: <http://www.caetanoveloso.com.br/discografia.php>. Acesso e 12 out 2011.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia da Letras, 1977.

VIRGÍLIO. *Geórgicas & Eneida*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho & Odorico Mendes. São Paulo: W.M. Jackson, 1949.